

Kathryn J. Hermes

REENCONTRAR A ESPERANÇA

A passagem através da escuridão

(com exercícios de cura de Helena Cote)



Três princípios básicos de cura

“Eis que faço novas todas as coisas”

Imaginar vividamente

A noite cobria meu quarto com uma escuridão que era pungentemente fria. O despertador invadiu o silêncio com o alto e indesejável anúncio do alvorecer que se aproximava. Procurei rápida e desajeitadamente na escrivaninha papel e caneta para anotar um sonho que tivera. Nunca lembro meus sonhos, mas este fora nítido demais para deixá-lo escapar na névoa do subconsciente. No sonho, eu estava em uma sala com uma amiga a quem eu deixara claro que não podíamos, sob nenhuma condição nem por nenhuma razão, mudar a mobília de lugar. Enquanto eu pegava o casaco em outra parte da casa, minha amiga começara a tirar a mobília do lugar, sem prestar atenção onde os móveis iam parar. Fui tomada de pânico quando percebi que ela não só mudara a posição da cama, da mesa e das cadeiras, mas criara o pesadelo de um decorador de interiores.

Anotei alguns símbolos aparentemente simples e na semana seguinte partilhei-os com minha orientadora espiritual, que me incentivou a trazer para a oração o símbolo da

mobília. “Muitas vezes o Espírito nos fala por intermédio de sonhos, em especial os que são tão nítidos”.

Em nossa conversa, decidimos que o pânico pela mudança da mobília de lugar simbolizava definitivamente me sentir fora de controle, quando minha amiga contestou minhas imprecisas decisões de vida. Tenho tudo calculado e não preciso de nada novo para abalar as coisas, obrigada.

Uma diminuta centelha de liberdade acendeu o pânico da mudança diferentemente pressentido, que era simbolizado pela mobília agora espalhada confusa e desorganizadamente pela sala.

Durante as semanas seguintes, quando eu rezava, a imagem do sonho expandia-se em minha oração e eu percebia que a sala voava – símbolo de transcendência – e que havia uma porta aberta. A minha amiga na sala na verdade era Deus, que, agora, empurrava a mobília para fora da porta aberta e que, para meu horror, estava tentando empurrar-me para fora da porta. “Ah”, disse minha orientadora espiritual, “então Deus não tem medo de empurrar o homem velho porta afora...”. Ignorei o comentário.

Entender o significado da mobília tornou-se uma odisséia contemplativa. O símbolo tinha camadas de significado. Uma descoberta transformadora que fiz foi que a mobília simbolizava o conceito e os julgamentos que eu fazia de mim mesma, os rótulos que me atribuía ou permitia que os outros me atribuíssem, minha autoanálise. É tarefa da mente fazer julgamentos. Depois de tudo que dizemos ou fazemos, nossa mente diz: “Isso foi brilhante!”; “Por que eu disse isso?”; “O que ela vai pensar de mim agora?”. Deus estava dizendo: “Vamos pôr tudo para fora. Não tenho serventia para isso. Não

tem significado real. Está prendendo nós dois em uma caixa. Impede que nosso relacionamento se desenvolva”.

Como eu não confiava em Deus o bastante para deixá-lo fazer isso, conseguira impedi-lo de me atirar porta afora. Assim, sem a mobília, a sala estava vazia. Na sala restávamos só eu e Deus, e me curvei diante dele. Já não estávamos separados por meus constructos e julgamentos mentais. Enquanto permanecia na presença de Deus, eu abandonava minhas análises e pensamentos à medida que surgiam e voltava a uma percepção simples e receptiva.

Contemplação

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

O autor do livro do Apocalipse, que se acredita ser o Apóstolo João, chama a si mesmo de profeta. Na ilha de Patmos, ele recebe uma série de visões que lhe permitem dar esperança aos irmãos e irmãs que sofrem perseguição na Ásia Menor. As sete igrejas relacionadas nos três primeiros capítulos desse livro eram sete cidades em uma única estrada. O livro teria facilmente sido passado de congregação a congregação e lido em voz alta para os cristãos que precisavam de estímulo em meio ao sofrimento.

O autor relata para seus companheiros cristãos perseguidos uma visão semelhante às descritas nos livros veterotestamentários de Daniel e Ezequiel. Quando tem a visão dos sete candelabros e de um homem que segura sete estrelas e anda no meio deles, ele cai aos pés do homem. O autor, que passara pelo inferno pessoal, espiritual e psicológico da perseguição e recusara-se a adorar as imagens do imperador, agora cai como morto diante do homem de cabelos brancos como a neve e de olhos como chama de fogo. O homem toca João

com a mão direita e diz: “Não tenhas medo. Eu sou o Primeiro e o Último, aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre” (Ap 1,17-18).

Nessa visão, João nos ensina três princípios básicos de cura: adorar, ouvir, ver. Esses três princípios básicos são a “movimentação da mobília” inicial, por assim dizer, que dá início a nossa cura.

Adorar

Primeiro, Deus transpõe os conceitos que temos de nós mesmos, às vezes de maneira perturbadora, a fim de se revelar a nós. Deus age firmemente, tomando as coisas em suas mãos (e tirando-as das nossas). Talvez choremos nessas primeiras etapas. Um dia, porém, ele enxugará nossas lágrimas. Deus não tem medo “de empurrar o homem velho porta afora”, de desarrumar a organização de nossas vidas – o que nos julgamos capazes de fazer, nossos planos que mantêm nossos medos em xeque, o controle que reivindicamos sobre os outros para nossa proteção.

A resposta que Deus espera é a adoração, porque, no fim das contas, não somos nós que fazemos novas vidas para nós. É Deus que, exatamente como vai criar novos céus e uma nova terra, faz-nos novos.

Enquanto nossa resposta ao fato de ter a vida perturbada continua a ser a ira – reação humana perfeitamente compreensível –, a cura não se inicia. A terapia ajuda-nos com a ira. O orientador espiritual analisa conosco nossa imagem de Deus. Mas, no final, nós mesmos precisamos decidir adorar.

Escutar

Segundo, quando assumimos o risco de adorar, escutamos a voz de Jesus dizendo: “Não tenha medo. Estou aqui.

Controlo tudo. Sou o Começo e o Fim. Morri e agora estou vivo para sempre”. Para os cristãos perseguidos, ameaçados de execução por se recusarem a adorar o imperador romano, ouvir a voz daquele que morreu dizendo que agora ele controla os caminhos de passagem da morte era ouvir esperança. Agora ele vive. A morte não é para sempre. A morte foi vencida. A morte deles também foi vencida. Eles são amparados gentilmente no sofrimento e levados à vida eterna.

Depressão, traição, doença, fracasso são muitas formas de morte. Muitos perdem o nome, o casamento, a família, os amigos, a carreira, a autoestima, a confiança na vida. Para eles e para nós, Jesus diz: “O medo é inútil. Estou aqui. Eu também morri. Agora estou vivo para sempre”.

Ver

Terceiro, Jesus nos convida a olhar para cima e ver aquele que nos diz: “Eu sou”. Precisamos parar de olhar para nós mesmos – os rótulos que pomos em nós mesmos, nossa autoanálise, nossos julgamentos – e começar, em vez disso, a olhar para aquele que diz: eu sou o Primeiro. Eu sou o Último. Eu sou o Alfa. Eu sou o Ômega. Eu sou Para Sempre. Há alguma coisa maior que sua doença. Eu tenho algo maior a realizar em sua vida, e doença ou desastre não me impedirão de fazer de você alguma coisa linda e significativa.

Na verdade, os únicos rótulos que tenho permissão para pôr em mim mesmo ou nos outros, até na Igreja, são os de Deus. Vejo-me com precisão somente quando vejo a mim ou aos outros através dos olhos de Deus.

É importante mover-se além de um vago conceito de Deus para um entendimento mais concreto de Deus-conosco na pessoa de Jesus Cristo. Exatamente como a Igreja era no

século I, nós também somos agarrados pela mão potente do Jesus Ressuscitado que caminha em nosso meio como conquistador da morte.

Analisar

- Nem todos os sonhos são mensagens de Deus; alguns são apenas sonhos ou pesadelos. Entretanto, alguns sonhos são indicações claras de mudanças importantes em nossa vida. Você já teve um sonho significativo? Recorda alguns detalhes? Já rezou com essa imagem ou pode fazê-lo agora? Os sonhos já foram momentos de autodescoberta? De que maneira?
- Um relacionamento rompido, um mal-entendido, uma traição pessoal, um desastre ou um distúrbio emocional já afetaram a imagem que você faz de si mesmo? De que maneira? Você identifica autoconceitos que talvez estejam bloqueando sua alegria ou retardando seu crescimento? Se os identifica, de que maneira eles são morte para você? O que aconteceria se você “os empurrasse porta afora”?
- Você poderia praticar o prodígio contemplativo? O que aconteceria se você tomasse consciência de seus julgamentos e análises e paulatinamente os descartasse à medida que surgissem? Tente ficar presente para o agora, recebendo cada alento, cada momento, desfrutando-o enquanto o tem e soltando-o. Que diferença essa prática faz em sua atitude?
- Houve um tempo em que Deus agia em sua vida e isso o fazia chorar? Como era? Suas lágrimas foram enxugadas? Transformadas? Quais eram as circunstâncias dessa bondade da parte de Deus?
- Em uma escala de um a dez, quanto você controla de sua vida, da vida dos outros? Como você exerce esse controle

de si mesmo, das situações, dos outros? Que benefícios você recebe por manter as coisas sob controle? O que aconteceria se você desistisse? Qual seria a pior coisa que aconteceria, se você o fizesse? Quais as possíveis consequências positivas no caso de desistir?

- Em que área de sua vida Deus poderia estar pedindo-lhe para desistir do controle? Como isso o faz se sentir? Qual é sua primeira reação? Por quê? O que seria necessário para você poder adorar a Deus, que está fazendo de sua vida algo novo?

Escutar

Quando tiver um tempo prolongado para ir ao fundo do seu coração, imagine-se com João em Patmos ou em algum outro lugar tranquilo onde possa encontrar-se com Deus – um ponto isolado e favorito na natureza, um local de férias, um local sagrado em uma igreja ou em um mosteiro. Imagine que Jesus vem até você. Anjos o cercam com cânticos e curvam-se aos pés dele, cobrindo o rosto. Arrisque-se a também se curvar. Sinta o que é curvar-se diante dele, permanecer a seus pés em adoração e confiança. Diga a Jesus o que você está sentindo. “Jesus, isto é tão...” Ou “Jesus, sinto-me como...”. Quando terminar, levante-se, olhe-o nos olhos e espere que ele lhe fale.

Descansar

Descansar com as passagens da Escritura a seguir profunda sua cura. Para preparar o coração no intuito de descansar, onde a cura profunda realmente acontece, repita a experiência da oração de escutar, antes de utilizar uma das passagens bíblicas. Depois, escolha uma passagem e

imagine-se na cena que ela descreve. A cada vez conte a Jesus o que vê e o que sente e espere que ele lhe diga alguma coisa.

Sonhos

Gênesis 28,10-22

Mateus 1,18-25

Dois famosos sonhadores na Escritura, Jacó (no Antigo Testamento) e José (no Novo Testamento). Jacó e José viram-se enredados em uma confusão que poderia ter levado à depressão profunda. Jacó enganou o pai e roubou a primogenitura do irmão. Agora sozinho, fugiu do irmão, deixando a família e a terra natal, e Deus lhe enviou um sonho que lhe assegurava o futuro (cf. Gn 28,10-22). José era noivo de Maria e, de repente, descobriu que ela ia ter um bebê. A lei dizia que ela deveria ser apedrejada. Ele a amava e não queria vê-la executada. Estava preso entre o amor a Deus e o amor por sua futura esposa. Deus interveio certa noite em um sonho e explicou-lhe o novo rumo que sua vida devia tomar (cf. Mt 1,18-25).

O sonho de Jacó:

Estou contigo e te guardarei aonde quer que vás, e te reconduzirei a esta terra. Nunca te abandonarei até cumprir o que te prometi (Gn 28,15).

O sonho de José:

Apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: “José, filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa; o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,20-21).

Controle

Gn 12,1-9

Êxodo 3,7-10

Abraão e Moisés tiveram a vida interrompida. Abraão acumulou uma fortuna e se instalara confortavelmente para o resto da vida (cf. Gn 12,1-9). Moisés tentou assumir o controle do destino de seu povo assassinando um de seus opressores e, depois, fugiu para o deserto, a fim de escapar à pena de morte (cf. Ex 2,11-3,10). A esses dois homens Deus disse: “Vou fazer algo novo no mundo e adivinhem quem vai me ajudar!”.

Abraão:

O Senhor disse a Abrão: “Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te vou mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12,1-3).

Moisés:

“E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10).

Adorar, escutar, ver

João 8,2-11

João 20,11-18

Os que entravam em contato com Jesus quase sempre tinham a vida desintegrada. A chamada “mulher apanhada em adultério” é trazida diante de Jesus com uma acusação humilhante. Os rótulos aplicados a ela se desvanecem na presença do Amor Encarnado. Ela tem de começar a conhecer a si